

# O GUARDIÃO

---

A promessa feita pelo Dr. Hulff de que eu iria acompanhar o processo de recuperação daquela mulher, aumentou, e muito, minha disposição para praticar os exercícios que Karran me ensinara. Estes exercícios são responsáveis pelo acesso que venho tendo ao mundo espiritual. Também, pelo que hoje sei, Karran se tornou, a partir do momento em que comecei a praticar os exercícios, o responsável, na matéria, pela minha orientação e desenvolvimento. Em outras palavras, o meu professor.

Creio que, sem sua ajuda, eu jamais teria conseguido aprender e desenvolver esta capacidade sem trilhar o caminho misterioso e conturbado da mística. Homem portador de um conhecimento sobre o mundo espiritual e material, até então, para mim, infinito, ao terminar de explicar alguma coisa, me pede sempre para não cometer o erro de interpretar o que ele me diz. Eis o que ele diz sobre isto: **“A interpretação dos fatos só mostra a falta de entendimento sobre os mesmos, pois se entendemos, não interpretamos, sabemos”**.

É bom lembrar que ele, Karran, também me pede para que não interprete as palavras da pessoa que assumiu o compromisso de me orientar na frequência extrafísica. Também conforme suas palavras: já temos entendimento suficiente para aprender e participar do mundo espiritual. Por esta razão, não precisamos mais de meias palavras e nem de frases obscuras.

Fui e continuo sendo incentivada por estes dois homens a caminhar em busca do conhecimento.

Muito embora eu tenha praticado diariamente os exercícios desde que os aprendi, percebi, naquela época, que estava longe de atingir o que seria o ideal: o controle da matéria que me permitiria sair do meu corpo com consciência diariamente. Mas isto não me desanimava. Quando algum tempo depois, eu consegui, o professor me levou novamente para aquele hospital. Quando lá chegamos, o Dr. Hulff não estava na sala, como de costume. Ele estava atendendo os doentes. Fomos levados até ele por uma outra pessoa. Desta vez ele demonstrou



**Centro de Estudos de Sineidologia Ltda.**

Fazenda Maik-buz, Rodovia Br. 060, km 05 – Zona Rural

Santo Antônio do Descoberto – GO

End. Correspondência: Caixa Postal, nº 08 – Centro - Alexânia – GO CEP: 72.920-970

Site Oficial: <http://www.tfca.com.br> E-mail: [tfca@tfca.com.br](mailto:tfca@tfca.com.br)

satisfação em me ver e deixou que eu acompanhasse seu trabalho. Mais uma vez, fui a vários quartos.

Eu estava ansiosa para ver aquela mulher. Por isto perguntei ao Dr. Hulff como ela estava. Ele me disse que estava bem, mas que ficava em outra ala e que nós iríamos até lá. No caminho, entre uma ala e outra, Dr. Hulff parou para conversar com um médico que o procurava para falar sobre uma pessoa que acabara de chegar. Pareceu-me, no momento, que este paciente já era conhecido do Dr. Hulff, porque, não sei como, percebi uma certa tristeza entre os dois médicos. Dr. Hulff perguntou para o outro médico qual tinha sido a causa. Ele lhe respondeu que era “C.A.” na cabeça. Foi então que tive certeza de que a pessoa era conhecida do Dr. Hulff, pois ele disse para o outro médico que encaminhasse o paciente à equipe do Dr. Chen para fazer uma cirurgia.

Depois disto fomos visitar a mulher, mas eu sentia que o Dr. Hulff estava diferente. Tenso ou triste. Disse-lhe que se quisesse ir ver a pessoa que acabara de chegar, eu e o professor esperaríamos ali e, quando ele voltasse, nós iríamos ver a mulher. Mas ele respondeu que não era caso para ele, e, mesmo que fosse, não poderia atender por se tratar de um de seus parentes de matéria.

Chegamos ao quarto. Ele abriu a porta. Quanto entrei, vi que a mulher não tinha mais o volume na barriga e nem se contorcia de dor. Porém, ela estava muito quieta. Dr. Hulff se aproximou e começou a examiná-la. Então ela lhe fez uma pergunta, querendo saber se seu marido já tinha dado notícias, se já tinham mandado fazer o enterro do bebê. Também vi o Dr. Hulff fingir que não sabia de nada do que estava acontecendo, dando-lhe respostas pouco convincentes, como por exemplo:

Não creio que seu filho já tenha sido enterrado, afinal, não tem tanto tempo assim que você foi operada. E quanto ao seu marido e parentes, todos estavam à sua espera aqui no quarto quando você voltou da sala de cirurgia. Se me lembro bem, ele passou a noite com você. Mas ele não deve demorar, portanto, fique calma.

Ouvi-a perguntar também quando ia fazer sua primeira refeição, pois tinha fome. Dr. Hulff perguntou o que ela gostaria de comer. Ela disse que preferia uma sopa. Ele pegou a ficha e fez algumas anotações. Quando saímos do quarto, ele



chamou uma das enfermeiras daquela ala. Passou a ficha pedindo que fosse satisfeito o desejo de alimentação daquela mulher. Depois pediu a presença de um guardião. Logo em seguida um rapaz se colocou à disposição do Dr. Hulff, que lhe pediu para ir aonde aquela mulher morava com o marido e verificar a possibilidade de trazê-lo imediatamente para visitá-la.

Quando o rapaz saiu, eu quis saber o que era um guardião, pois, para mim, esta palavra tinha conotação bíblica. Dr. Hulff me disse que em hospitais como aquele, eles eram responsáveis em manter o ele que liga os pacientes com a frequência física enquanto esta necessidade se fizer presente. Naquele momento era necessário que aquela mulher visse e conversasse com seu marido para se tranquilizar. Foi então que eu quis saber se o marido iria se lembrar de que esteve com ela. Dr. Hulff disse que, como se tratava de algo muito marcante, dificilmente ele não se lembraria, mas que por não saber explicar o que aconteceu, a realidade se passaria por um sonho.

Estas palavras do Dr. Hulff mexeram muito com meu lado emocional. De repente eu percebi como nós, seres humanos, somos inconscientes da realidade do mundo que nos cerca. Como somos também indefesos diante da realidade da criação. Fiquei pensando o quanto aquele acidente, que Karran mencionou como causa da nossa inconsciência, nos prejudicou, nos limitou em nossa percepção da realidade humana. Por isto, quando retornei à matéria, não suportei a tristeza e chorei. Chorei muito, e pela primeira vez eu não estava chorando por uma pessoa. Nem de raiva, como é comum. Também não era de dor. Era pelo que de mais sagrado existe para mim, os ser humano.

